

Araras-azuis-de-lear estão voando para casa

Categories : [Colunistas Convidados](#)



A arara-azul-de-lear é uma espécie endêmica da caatinga, e só ocorre no nordeste da Bahia. Com aproximadamente 1.300 animais em vida livre, a espécie já foi considerada criticamente ameaçada. Mas ela está ganhando uma nova chance de sobrevivência, resultado de programas de reprodução em cativeiro, que contam com a participação de zoológicos.

Entre as principais ameaças a arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*) estão a destruição de hábitat e a captura para comércio ilegal. Seus principais dormitórios e áreas de nidificação conhecidos ficam nos municípios de Canudos e [Jeremoabo](#). Esta espécie se alimenta principalmente de coquinhos da palmeira licuri (*Syagrus coronata*), cuja disponibilidade vem sendo reduzida pela atividade humana. As aves acabam atacando plantações de milho de subsistência e, por isso, com frequência acabam abatidas.

Os programas para protegê-la melhoraram seu status de conservação e, pela [IUCN](#), ela passou

da categoria Criticamente Ameaçada para Ameaçada. Este resultado foi alcançado graças a ações em campo nos dois principais dormitórios e áreas de nidificação, além de um [programa de resarcimento à população por prejuízos com suas plantações](#). Outras atividades importantes foram o desenvolvimento de um projeto de uso sustentável da palmeira licuri e a criação de alternativas de renda para a população local, ambos [financiados pela Fundação Loro Parque](#).

Clique para ampliar



Papel dos programas em cativeiro

O [CEMAVE \(Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres\)](#), do [ICMBio](#), coordena o [Plano de Ação Nacional para a Recuperação da Arara-Azul-de-Lear](#), que inclui o programa de reprodução em cativeiro. Os zoos são parte importante do programa de reprodução. Ao todo, há dez zoos envolvidos, cinco no Brasil e cinco no exterior.

O objetivo dos programas de reprodução costuma ser gerar uma população de segurança, manejada de forma genética e demograficamente sustentável e que possa ser utilizada caso sejam necessárias reintroduções ou suplementações, além de desenvolver e testar protocolos de manejo e metodologias de reabilitação e soltura.

Recentemente, o [Parque das Aves](#) foi convidado a integrar o programa. Temos sucesso reprodutivo com 17 espécies de psitacídeos, cinco delas ameaçadas. Até agora, o [Zoo de São Paulo](#) é a única instituição brasileira a ter sucesso reprodutivo com a arara-azul-de-lear. Ele investiu em um centro específico para a reprodução de espécies ameaçadas, [o CECFAU, inaugurado em junho de 2015](#).

Entretanto, no mundo, é a [Fundação Loro Parque](#), que fica em Tenerife, Espanha, a instituição que mais obteve sucesso em reproduzir a espécie. Parceiros de longa data do governo brasileiro, tanto no programa da [ararinha-azul](#) quanto no da arara-azul-de-lear. Em 2006, eles receberam do Brasil dois casais desta espécie e o desafio de reproduzi-las. Naquela época, havia apenas 43

animais no programa de reprodução, nenhum reproduzido no Brasil. Sete meses após a transferências, nasciam as primeiras araras-azuis-de-lear em Tenerife e, passados dez anos, elas já somam 36 animais, um sucesso reprodutivo sem precedentes. É importante mencionar que através de acordos de empréstimo todos os animais na Loro Parque pertencem ao Governo Brasileiro e estão à disposição do programa.

No total, hoje, o programa de reprodução em cativeiro da espécie já conta com 125 animais.

Na quinta-feira passada, 25/2, ocorreu a maior repatriação da espécie já feita: a Loro Parque enviou ao Brasil 9 araras-azuis-de-lear nascidas em Tenerife. Elas passarão por um período de quarentena obrigatório nas instalações do Ministério da Agricultura, em Cananéia, e depois seguem para o Parque das Aves, em Foz do Iguaçu, onde começará um novo esforço de reprodução.

A primeira repatriação de uma arara-azul-de-lear nascida fora do Brasil também foi feita pela Loro Parque, em 2010.

Clique para ampliar





Burrocacia

As aves tiveram uma chegada complicada ao país. Foram cinco horas entre a aterrissagem do voo vindo da Espanha e a liberação dos animais no Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo. Tanto o IBAMA quanto o Ministério da Agricultura foram ágeis e eficientes, mas o pessoal do aeroporto simplesmente não entendeu a fragilidade e os riscos que corre uma carga viva, no caso, uma espécie ameaçada.

As aves chegaram à noite, o que tornou difícil pagar na hora o ICMS da importação e fez com que o aeroporto não quisesse liberar os animais. Quando eu argumentava que as aves já estavam viajando há mais de 30 horas e que poderiam morrer, não havia qualquer reação. Pelo que soube, este é um problema recorrente: a falta de cuidado e prioridade com cargas vivas. Já é absurdo pagarmos ICMS sobre a importação de aves sem valor comercial, integrantes de um programa de reprodução do governo. Mas, enfim...

Após longas horas, as araras foram liberadas. Outras quatro horas de estradas se seguiram até serem entregues em Cananeia, no quarentenário oficial do Ministério da Agricultura, onde

permanecerão por 15 dias.

Uma das coisas bacanas do trabalho dos zoos e aquários é que eles podem atuar de forma abrangente, tanto no desenvolvimento de técnicas de reprodução e manejo de espécies criticamente ameaçadas, quanto na conscientização de seu público. Zoos e aquários recebem cerca de 700 milhões de visitas por ano no mundo todo. Por fim, zoos também ajudam no financiamento de ações de conservação in situ.

As novas moradoras coloridas e emplumadas chegaram. Agora, é a vez do Parque das Aves conseguir reproduzi-las!

Leia também

<http://www.oeco.org.br/noticias/29100-filhote-de-arara-paulistana-quer-voltar-para-a-caatinga/>

<http://www.oeco.org.br/blogs/especies-em-risco/28910-o-retorno-das-ararinhas-bahianas/>